

GRAFIA DE TEXTOS E FONOLOGIA DO PORTUGUÊS NOS SÉCULOS XV E XVI

Célia Marques Telles*

RESUMO: *A grafia dos textos manuscritos permite que se percebam várias marcas da realização fonética da língua portuguesa dos quatrocentos e dos quinhentos. Com exemplos de grafias do Livro de Cozinha da Infanta D. Maria e dos Roteiros de navegação da Carreira das Índias de Diogo Afonso, examinam-se as vogais mediais em posição pretônica e postônica. Verifica-se que a situação documentada nos textos antigos tem reflexos no atual sistema dessas vogais no português do Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *estudo grafemático-fonético; português arcaico; vogais mediais.*

1. Escrita e fala

Ainda que não seja imprescindível ao lingüista, a filologia textual é cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo lingüístico. Nesse momento é o texto que nos leva aos dados da língua. Desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento dos fatos de língua. Desse modo, o método filológico apóia a análise lingüística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos lingüísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada.

* Universidade Federal da Bahia - UFBA/CNPq.

A partir da *scripta* do documento tanto se podem mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) – repetições, transposições, erros devidos ao contexto lingüístico ou extralingüístico, os erros de concordância, as auto-correções, as adições, as omissões, as confusões de palavras (Martínez Ortega, 1999: 23-42.) – como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*.

Mas, em primeiro lugar é preciso que se pense a *scripta* como documento de língua. Em lingüística histórica, desde os trabalhos de D. Ramón Menéndez Pidal, se tem como certo que um fato de língua documentado “por escrito” deve estar existindo no uso há pelo menos três gerações. Nessa perspectiva, em filologia textual – quer debruçando-se sobre textos antigos, quer sobre textos modernos ou contemporâneos, literários ou não literários – busca-se preservar as características da *scripta*, na expectativa da comprovação desses fatos lingüísticos. Assim, os estudos das mudanças lingüísticas encontram apoio incontestado nos textos de edição cuidada, em especial seguindo os critérios de uma lição conservadora.

Essas considerações nos levam ao nível do estudo da escrita, a que N. S. Troubetzkoy, em 1935, em *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*, chamou “uma ciência pura da escritura” (Troubetzkoy, 1935, 1969, 1972). A partir desse momento, aos poucos, desenvolve-se na lingüística uma vertente de estudos da escritura, isto é, que tem se encarregado do *estudo do sistema gráfico das línguas escritas* (Contreras, 1994: 123-43, 161-6).

Em um artigo publicado na *Acta Linguistica*, em 1945, Josef Vachek (1966) diz que o estudo concreto das escritas, assim como o estudo concreto das línguas escritas, tanto quanto a pesquisa sobre a teoria da escritura e da língua escrita ainda se achava “na infância” e que poucas conclusões definitivas podem ser apresentadas no estágio em que se encontrava a pesquisa. Lembra, então, que “writing is a system in its own right, adapted to fulfil its own specific

functions, which are quite different from the functions proper to a phonetic transcription" (Vachek, 1966: 157)¹.

É oportuno lembrar que a *Segunda Partida* de Alfonso X resume certamente, diz Hans-J. Niederehe (1987), "Esriptura es cosa que aduce todos los fechos á remembranza" (Niederehe, 1987: 65)². Nada mais completo e mais atual para o conceito de escritura.

E, como assinala Geoffrey Sampson, os sistemas de escrita são claros instrumentos idealizados para a execução de uma tarefa, que podem desempenhar mais ou menos bem (Sampson, 1996: 15). São, a bem dizer, "um conjunto de símbolos escritos com um determinado conjunto de convenções para seu emprego" (Sampson, 1996: 16). Ivan Illich, no artigo *Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga*, lembra que o alfabeto é a técnica empregada para que se registrem os sons da fala sob forma visível, sendo, por isso mesmo, o mais vantajoso tipo de notação (Illich, 1995: 43). Nessa mesma direção, afirma que somente a técnica do alfabeto permite que se registre o discurso e que se conceba o mesmo como a "língua" usada na fala (Illich, 1995: 52). Jeffrey Kittay, em *Pensando em termos da cultura escrita*, adverte que um dos maiores problemas da compreensão da cultura escrita é a incapacidade de especificar quais de suas propriedades são independentes da escrita (Kittay, 1995: 179). Adverte, entretanto, que qualquer tipo de cultura escrita é inicialmente dependente de um determinado código ou conjunto de códigos gráficos. Pergunta, então, o que a cultura escrita codifica sob a forma de escrita, respondendo simplesmente que "é a oralidade", compreendida como tudo aquilo que é revisto pela cultura escrita, tudo que é comunicado, de viva voz ou não, desde que não seja

¹ Traduzindo: "a escritura é um sistema com suas próprias características, adaptado às suas próprias funções específicas que são bastante diferentes daquelas próprias à transcrição fonética".

² Traduzindo: "Escritura é coisa que traz todos os fatos à lembrança".

escrito (Kittay, 1995: 180). Finalmente afirma que a cultura escrita é muito mais do que a simples codificação e decodificação do oral, o qual, por seu turno, vai muito além do falado (Kittay, 1995: 181).

Mas, porque toda esta arenga? Apenas para lembrar que a edição conservadora, como a semidiplomática, ao manter as características da *scripta* de um texto vai ser um instrumento útil para a descrição da língua representada naquele texto.

A passagem ao escrito ou para o escrito na sociedade medieval entre os séculos VII e XI, lembra Bernard Cerquiglini em *Éloge de la variante* (Cerquiglini, 1989), é um movimento decisivo que leva essa sociedade de um estatuto oral e pré-letrado a uma mistura de oral e escrito, a partir de uma tipologia refinada de iletrismo, de quase-letrismo, de letrismo. O oral no período medieval convinha a uma sociedade regional e particular, mais voltada para os estatutos herdados do que para a dinâmica dos papéis sociais. O escrito, em troca, apropriação de um saber descontextualizado, pode ser um fator de progresso e de liberdade; não convém, portanto, desprezar uma oralidade medieval, livre, calorosa, e popular, vítima da repressão clerical e escripturária (Cerquiglini, 1989: 36-7). São os traços dessa oralidade que se escondem no manto das variantes textuais, tão importantes para Cerquiglini.

Claire Blanche-Benveniste, em *Establecimiento del texto*, chama a atenção para a escritura de textos por pessoas inexperientes, para os quais se deve dar tanta atenção quanto para os textos estudados pelos filólogos (Blanche-Benveniste, 1998: 138). Ora, algumas vezes, esses dois tipos de texto estão muito próximos, quer se trate de uma escritura, ainda de adaptação, de um texto antigo, com base na escrita do latim, quer se trate de textos relativos à transcrição de depoimentos ou daqueles saídos de quem apenas sabe “ler e escrever”.



2. RELAÇÕES GRAFEMÁTICO-FONÉTICAS

O estudo das características grafemáticas dos manuscritos I.E.33 da Biblioteca Nacional de Nápoles e FP56 da Biblioteca Nacional de Paris mostrou que ela é, ainda, essencialmente fonética (Gama: Telles, 1973; Telles, 2003; 1988: 74 et seq.; 1990). O exame do que dizem os ortógrafos quinhentistas (Oliveira, 1536/2000; Barros, 1539/1971; Gândavo, 1574/1981; Leão, 1596/1983) permitiu que se pudesse verificar a norma ortográfica que se propunha no século XVI, tomada, ainda, como ponto de partida *ad quem* para o século XV. Entre os casos da grafia quinhentista que mereceram atenção especial está o das vogais mediais átonas.

Na continuidade da análise, passando a examinar um texto de finais do século XV e princípios do século XVI, o manuscrito I-E-33 da Biblioteca Nacional de Nápoles (o *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*), foi possível verificar que a representação das vogais mediais átonas não era muito diferente. Além disso, para o século XVI, usa-se o texto dos roteiros de Diogo Afonso, os dois primeiros, da *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI* (Telles, 1988, 1990). São essas observações o objeto desse trabalho: na perspectiva de traçar a descrição fonológica do português em três momentos, mostra-se como a grafia de documentos não literários quatrocentistas e quinhentistas permitem entrever alguns fatos fonológicos do português arcaico.

3. A TEORIA GRAMATICAL QUINHENTISTA

Dos ortógrafos quinhentistas, é Fernão de Oliveira o único que fala claramente nas vogais átonas. A variação grafemática dessas vogais vem observada por Fernão de Oliveira, no capítulo XVIII, [*Da semelhança e proximidade de certas vozes*], e, mais precisamente, no XXVII, [*Da quantidade da sillaba a das vogaes grandes e pequenas*]. Assim, no capítulo XVIII:

Até aqui dissemos do proprio genero e particular de cada letra; agora vejamos da comunicação que alghu)as têm, ou d'alghu)a participação que todas têm antre si. Das vogaes **u** e **o** pequeno ha tanta vezinhença que quasi nos confundimos dizendo huns *somir* e outros *sumir*, e *dormir* ou *durmír*, e *bolir* ou *bulir* e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre **i** e **e** pequeno, como *memoria* ou *memorea*, *gloria* ou *glorea*. Ainda que eu diria que, quando escrevemos **i** na penultima, sempre ponhamos o acento nessa penultima, seguindo-se logo a ultima sem antreposição de consoante, como *aravia*; e se a tal penultima assi de vogaes puras não tiver o acento, não na escreveremos com **i**, senão com **e**, como *glorea* e *memorea*. (Oliveira, 1536/2000: 103-4).

Ainda nesse capítulo adverte:

Também em se mudar hūas em outras têm as letras comunicação e guardam a rezão de seu parentesco ou vizinhença, como *todoudia* por *todo o dia*; e isto assi antre as vogaes, como antre as consoantes. (Oliveira, 1536/2000: 104).

Por outro lado, no capítulo XXVII esclarece:

Não pareça a alghem que nós confundimos **i** pequeno com **e** pequeno, nem **o** pequeno nem **o** pequeno com **u** pequeno, porque ellas não são diversas vozes e tão-pouco não temos ahi necessidade de diversas letras. (Oliveira, 1536/2000: 111).

E continua a explicação:

Mas é desta maneira que antre **i** que é letra delgada aguda e viva, e antre e grande soa na nossa lingua hu)a outra voz mais escura e não mais que hu)a: e a este chamamos **e** pequeno, o qual em hu)as partes soa mais e em outras menos, como fazem as outras vogaes. E onde soa mais, podemos dizer que é mais vezinho do **e** grande; onde também menos soa,



será isso mesmo mais vezinho do **i**. Mas não por isso dizemos que são duas letras, porque não muda a voz senão por respeito das consoantes, mais ou menos; ou por qualquer outra vezinhença de letras que se co' elle ajuntam, gasta mais ou menos tempo e aparece mais ou menos a sua voz, como *escreveste*, *memorea*:mais soa **e** pequeno na penultima de *escreveste* que de *memorea*, porque em *escreveste* tem adiante na mesma sillaba hu)a letra consoante **s**, e em *memorea* tem logo outra vogal em outra sillaba, a qual lhe tira parte da voz porque "dous sapateiros vezinhos abatem a venda hum ò outro", e os estados baixos junto com os poderosos parecem muito menos. (Oliveira, 1536/2000: 111-2).

Mais adiante, adverte que "Tão pequeno fica este **e** nestas partes, que muitos se enganam e escrevem em seu lugar **i**, o qual nós ahi não sentimos." (Oliveira, 1536/2000: 112).

A propósito dessas considerações de Fernão de Oliveira, Eugenio Coseriu - em um artigo datado de 1975, *Taal en functionaliteit bei Fernão de Oliveira* (Coseriu, 1975), traduzido para o português em 1991 (Coseriu, 1991)³ - ressalta o "enfoque funcional" da interpretação dada por Oliveira às vogais átonas mediais, lembrando que não são unidades vocálicas distintas, mas variação condicionada pelo contexto fonético:

Ainda mais evidente é o enfoque funcional da interpretação que Oliveira dá para [i], [u] em posição átona, especialmente antes de vogal (onde, em português, se neutraliza a oposição **e/i**, **o/u**). Oliveira interpreta, com efeito, estes sons como **e**, **o**, respectivamente, apesar da sua semelhança material (fonética) com **i**, **u**, que ele, aliás, admite explicitamente, sugerindo, portanto, que se escreva *memorea*, *neçessareo*, *continoar* (e não *memoria*, *neçessario*, *continuar*). Afirma que

³ Para esse trabalho, usamos a reedição desse artigo (Coseriu, 2000: 29-60).

em tais casos não se trata de unidades vocálicas distintas mas de variação condicionada pelo contexto fônico, o que é também verificável em outras vogais. (Coseriu, 2000: 44-5).

Ainda quanto às observações dos ortógrafos quinhentistas, Thomas R. Hart Jr., em 1955, no artigo *Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation* (Hart Jr., 1955: 410-1), assinala que a maior dificuldade no que tange a essa reconstrução é seguramente a das vogais pretônicas **e** e **o**. Esclarece, ainda que “the most difficult of all the problems connected with the reconstruction of sixteenth-century Portuguese pronunciation is surely that of pretonic *e* and *o*” (Hart Jr., 1955: 410)⁴. É clara a sua constatação de que “the contemporary grammarians are very little help” (Hart Jr., 1955: 410)⁵, remetendo, em seguida, para o mesmo trecho de Fernão de Oliveira que vai ser remarcado, mais tarde, por Coseriu.

4. A SCRIPTA DAS VOGAIS ÁTONAS

4.1 As vogais orais

Dos cinco fonemas vocálicos orais em posição átona: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, apenas as mediais mostram uma variação grafemática – como já observado por Fernão de Oliveira – cujos reflexos alcançam as vogais fechadas.

4.1.1 A scripta no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria

O manuscrito I-E-33 é um códice cartáceo, de origem farnesiana, in 8º, escrito em uma só coluna, com 73 fólhos numera-

⁴ Traduzindo: “... a maior dificuldade relacionada com a reconstrução da pronúncia portuguesa do século dezesseis é seguramente aquela de *e* e *o* pretônicos.”.

⁵ Traduzindo: “Os gramáticos contemporâneos são de muito pouca ajuda.”.

dos, com 16 a 29 linhas escritas por fólho⁶. É um manuscrito em letra gótica cursiva (Millares Carlo, 1932: 345; Batelli, 1949: 320; Prou, 1924: 252-3), com exceção da *scripta* da terceira receita. O códice é trabalho de, pelo menos, sete mãos diferentes (Gama; Telles, 1973). A descrição paleografica do códice I-E-33 da Biblioteca Nacional de Nápoles confirma, a partir da descrição da *scripta*, a contribuição de sete copistas diferentes no manuscrito, assinalando-se as mais importantes características paleográficas de cada um deles, enfatizando-se a escrita dos copistas 1, 2 e 3. Em outro trabalho (Telles, 2003), a partir da constatação do fato de que a *scripta* predominante no códice é uma gótica cursiva bastante arredondada e muito regular, afirma-se que esta parte do códice seria mais antiga do que todo o restante, podendo ser datada de fins do século XV. As demais receitas – com exceção da terceira – devem datar, certamente do século XVI e apresentam um traçado menos regular e um ducto cursivo mais acentuado.

Distinguem-se, desse modo, pela análise das características da *scripta* seis mãos que usaram a letra gótica cursiva na transcrição das receitas. Uma dessas intervenções em letra gótica cursiva parece poder ser datada de finais do século XV: a ela se deve a escritura da maioria das receitas do códice. As outras cinco formas da escrita gótica cursiva podem ser datadas do século XVI: note-se que todas essas intervenções se acham intercaladas nos fólhos com o primeiro tipo de letra, ou foram utilizadas nas duas receitas iniciais e nas três finais. A sétima mão a interferir no códice, responsável pela *scripta* da terceira receita, traça uma letra cursiva, derivada da humanística, característica do século XVII.

O levantamento da grafia das vogais átonas levou à seguinte constatação:

⁶ Conhecem-se quatro edições do manuscrito I-E-33 da Biblioteca Nacional de Nápoles, sendo três edições críticas (Salema, 1956, Newman, 1964, Manupella, 1967) e uma diplomática (Gomes Filho, 1963).

a) **pretônicas**

• <e> por <i>:

clareficado, clarefiquado (clarificar)

dereyto, dereytas (direito)

fergisloão, frygilaeis, fregiloseis (de frigir)

misturarão, mesturada, mesture (de misturar)

tejalla, tegela, tegelas, tigelynha (tigela, tigelinha)

vertude (virtude)

• <i>, <j>, <y> por <e>:

espicia (espécie)

midirã (medirão)

medida (medida)

milhor, milhores, mjlor, mylhor (melhor)

peneyrado, pyneirada, pineyrada, (peneirado)

pilouro (pelouro)

• <o> por <u>:

bolire (bulir)

Roys (ruim)

cogidade (sujidade)

• <u> por <o>:

uberto, cuberta (coberto)

culheres (colher)

cubrir, cubrjr, cubryr (cobrir)

fugareiro (fogareiro)

jueira, jueyra (joeira)

jueiralosão (de joeirar)

jugar (jogar)

murcellas (morcela)

b) **postônicas**

• <o> por <u>:

tauoa (tábua)

Dos exemplos, verifica-se, portanto, que os grafemas <e> e <i> equivalem aos fonemas [e] e [i] átonos pretônicos, assim como os grafemas <o> e <u>, a [o] e [u] pretônicos e <o> também a [u] postônico, ainda que junto de outra vogal, no ditongo crescente.

4.1.2 A *scripta* nos roteiros de Diogo Afonso

O manuscrito 56 do Fonds Portugais, da Bibliothèque Nationale de Paris, é um códice cartáceo de 54 fólhos, escritos dos dois lados – exceto o primeiro e o último –, numerados após 1831. Apresenta-se o texto em dois tipos de letra: humanística librária (2r°–10v°) e humanística cursiva (11r°–64r°) (Telles, 1988: v.1, 12).

São dois os roteiros de Diogo Afonso dentro da *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia*, incluídos no ms. FP56 da BNP. O primeiro deles, o de viagem de ida para a Índia ocupa os fólhos 11r°. a 22r°, intitula-se *Roteiro da navegação d'aqui pe6ra a India*. O segundo, que vai dos fólhos 22r°. ao 30v°, trata da viagem de volta da Índia para Portugal, e traz o título *Viagem) da India pe6ra Purtugal, s(cilicet), de Monte de Li ou de Couçhim trata da vinda ao Reino* (Telles, 1988: v.1, 93-132; 1990).

A parte do manuscrito relativa à coleção de roteiros, acha-se escrita, como foi dito, em letra humanística cursiva de traçado muito regular (Batelli, 1954), e parece ser trabalho de uma única mão (Telles, 1988, v.1, 67). A análise grafemática (Telles, 1988: 75-86; 1990) permitiu que se observasse que <e> e <o> mostram uma relação do tipo: um grafema para três fonemas; <e> equivale a [ɛ] tônico, a [e] tônico e átono pretônico e a [i] átono postônico; do mesmo modo, <o> equivale a [ɔ] tônico, a [o] tônico e átono pretônico e a [u] átono postônico. Por sua vez, o grafema <i> equivale a [e] átono postônico, enquanto o <u>, a [o].

a) **pretônicas**

- <e> por <i>:



deferença (diferença)
merediano (meridiano)
meredional (meridional)
longetude (longitude)
mesturados (misturados)

• <i> por <e>:

Pireira (Pereira)
fvireiro, fevireiro (fevereiro)
piquenas, piquena (pequena)

• <o> por <u>:

pode7res (puderes)
bozinas (buzinas)
sojeito (sujeito)

• <u> por <o>:

agustinho (Agostinho)
curaes (Currais)
descubrires, descubriu (de descobrir)
purtugal (Portugal)

b) **postônicas**

• <e> por <i>:

supeto (supito)

No que tange às vogais átonas finais, [i], [u], são elas regularmente grafadas <e>, <u>, respectivamente, com algumas exceções para o [i] nos roteiros de Diogo Afonso: *qoasi* e *di*.

4.2 As vogais nasais

Se se examinam as vogais nasais nota-se comportamento muito semelhante nos dois textos. No *Livro de cozinha da Infanta D. Maria* encontram-se registros de <ẽ> ou para [ĩ] e de <im̃> ou <ÿ> para [ẽ]:

emteyro, êteyros, êteiros, emteyros, emteiras, êtejras,
êtejros, emteyra (inteiro)
gingiure (gingibre)
pỹdurada (pendurada).

Nos roteiros de Diogo Afonso, as vogais nasais átonas em posição pretônica mostram vacilação de grafia semelhante, como acontece com o <en> para [ɪ]:

enfĩndos (infindos)
envernada (invernada).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame realizado na grafia das vogais átonas nesses dois textos mostra que a realidade grafemática neles registrada corresponde à descrição dos ortógrafos quinhentistas e, em especial, àquela de Fernão de Oliveira.

Eis o princípio da variação das vogais mediais átonas que se documenta fartamente no português do Brasil.

RÉSUMÉ: *La graphie des textes manuscrits permet qu'on y peut voir quelques marques de la réalisation phonétique de la langue portugaise du XV^e et du XVI^e siècles. À partir des exemples extraits au Livre de Cozinha da Infanta D. Maria et aux Roteiros de navegação da Carreira das Índias de Diogo Afonso, on examine les voyelles médiales en position prétoniques et postoniques. On y va voir que la situation documentée dans les textes anciens porte des reflets sur l'actuel système de ces voyelles du portugais brésilien.*

MOTS-CLÉ: *étude graphémaque-phonétique; portugais archaïque; voyelles médiales.*

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, J. (1539/1971) *Gramática da língua portuguesa*; Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha. Lisboa: Fac. de Letras da Univ. de Lisboa. Ed. de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- BATELLI, G. (1949) *Lezioni di paleografia*. 3. ed. Città del Vaticano: Pont. Scuola Vaticana di Paleografia e Diplomatica.
- _____. (1954) Nomenclature des écritures humanistiques. In: NOMENCLATURE DES ÉCRITURES LIVRESQUES DU IXE. AU XVIIE. SIÈCLE; PREMIER COLLOQUE INTERNATIONAL DE PALÉOGRAPHIE LATINE. Paris: CNRS. p.35-44.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. (1998) Establecimiento del texto. In: id. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: GEDISA.
- CERQUIGLINI, B. (1989) *Éloge de la variante*; histoire critique de la philologie. Paris: Seuil.
- CONTRERAS, L. (1994) *Ortografía y grafémica*. Madrid: Visor.
- COSERIU, E. (1975) 'Taal en functionaliteit' bei Fernão de Oliveira. In: Werner ABRAHAM (edit.). *Ut videam*; contributions to an understanding of linguistics. Lisse (Netherlands): Peter de Rider. p. 67-90. For Pieter Verburg on the occasion of his 70th. birthday.
- _____. (1991) *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Trad. de Maria Christina de Motta Maia. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Presença.
- _____. (2000) *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Trad. de Maria Christina de Motta Maia. In: Fernão de OLIVEIRA. *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. p. 29-60. Ed. crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção.
- GAMA, N.V.; TELLES, C.M. (1973) *Uma Contribuição ao estudo do "Tratado de cozinha portuguesa" (mss. I-E-33 da B.N.N.)*. Salvador: DLR/IL/UFBA.
- GÂNDAVO, P.M. (1574/1981) *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*; com o dialogo que adiante se segue em defesa da mesma lingua. Lisboa: BN. Ed. fac-similada da 1^a. ed. Introd. de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- GOMES FILHO, A. (edit.). (1963) *Um Tratado da cozinha portuguesa do século XV*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC.

- HART JR., T.R. (1955) Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation. *Word*, New York, v. 11, n. 3, p. 404-15.
- LLICH, I. (1995) Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga. In: David R. OLSON, Nancy TORRANCE (edit.). *Cultura escrita e oralidade*. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática.
- KITTAY, J. (1995) Pensando em termos da cultura escrita. In: David R. OLSON, Nancy TORRANCE (edit.). *Cultura escrita e oralidade*. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática.
- LEÃO, D.N. (1596/1983) Ortografia da língua portuguesa reduzida a Arte e preceitos. In: id. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Lisboa: IN/CM. Introd., notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu.
- MANUFELLA, G. (edit.). (1967) *Livro de cozinha da Infanta D. Maria*; código português I.E.33 da Biblioteca Nacional de Nápoles. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- MARTÍNEZ ORTEGA, M.Á. (1999) El Error gráfico o *lapsus calami* en los textos jurídicos. In: id. *La Lengua de los siglos XVI y XVII a través de los textos jurídicos*; los pleitos civiles de la escribanía de Alonso Rodríguez. Valladolid: Secretariado de Publicaciones/Intercambio Editorial/Universidad de Valladolid. p. 23-42.
- MILLARES CARLO, A. (1932) *Tratado de paleografía española*. Madrid: Hernando. v.1.
- NEWMAN, E.T. (edit.). (1964) *A Critical edition of an early Portuguese cookbook*. Chapel Hill, Univ. of North Carolina. Tese de doutorado apresentada ao Dep. of Romance Languages.
- NIEDEREHE, H.-J. (1987) *Alfonso X el Sabio y la lingüística de su tiempo*. Madrid: Sociedad General Española de Librería.
- OLIVEIRA, F. (1536/ ed. 2000) *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Ed. crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Estudo introd. de Eugenio Coseriu.
- PROU, M. (1910) *Manuel de paléographie latine et française*. 3. éd. ent. ref. Paris: Alphonse Picard.
- Salema, M.J.G.L. (1956) *Tratado de cozinha*. Lisboa: Univ. Lisboa. Dissertação de licenciatura.
- SAMPSON, G. (1996) *Sistemas de escrita*; tipologia, história e psicologia. Trad. de Valter Lellis Siqueira, rev. téc. de Nadja Ribeiro Moreira. São Paulo: Ática.

- TELLES, C.M. (1990) A Realidade grafemático-fonética nos roteiros de Diogo Afonso (século XVI). *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 10, p. 115-33, dez.
- _____. (edit.). (1988) *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*; edição do manuscrito FP56 da BNP. São Paulo: USP. Tese de doutorado, orient. por Edith Pimentel Pinto.
- _____. (2003) Características grafemático-fonéticas de um manuscrito em letra gótica cursiva. In: LEÃO, Ângela Vaz; BITTENCOURT, Vanda O. (edit.). *Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 4; anais. Belo Horizonte: PUC/ABREM/CNPQ/FAPEMIG. p. 731-41.
- TROUBETZKOY, N.S. (1935) *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*. Berne. Cercle Linguistique de Prague.
- _____. (1972) Notas para una ciencia pura de la escritura. In: EL CÍRCULO DE PRAGA. Valparaíso: Ed. Universitarias de Valparaíso. p. 79-84.
- _____. (1969) Note pour une science pure de l'écriture. In: LE CERCLE DE PRAGUE. Paris: Seuil. p. 85-7.
- VACHEK, J. (1966) Writing and phonetic transcription. In: HAMP, Eric P. et al. *Readings in Linguistics II*. Chicago/London: The Univ. of Chocago Press. p. 152-7.